

## *Garrett – irradiador de cultura*

*Elvo Clemente\**

Serão apresentados, nesta comunicação, três aspectos: Garret – o homem culto; Garrett – renovador da cultura pelo movimento do Romantismo; Garrett – irradiador de cultura pelas novas gerações em Portugal, no Brasil e noutros países de Língua Portuguesa.

### *1 Garrett – o homem culto*

Nasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho de Antonio Bernardo da Silva Garrett, de família de origem irlandesa, emigrou à Espanha, donde foi a Portugal no séquito da rainha D. Maria Ana Vitória, esposa do Rei Dom José I; sendo Ana Augusta de Almeida Leitão, mãe de João Batista.

Latino Coelho assim o apresenta: “Incitado pelo talento, que já como que se lhe sazou na idade pueril, e ajudado por uma esmerada educação, o poeta insigne anunciava desde os primeiros anos o vigor de uma inteligência excepcional e de uma precoce imaginação, que haviam de assegurar-lhe um lugar de honra no primeiro plano dos talentos nacionais, e dá-lo como rival a muitas das mais prediletas das musas nas literaturas estrangeiras” (p. 96-97).

Por ocasião da invasão francesa a família transferiu-se para os Açores, na Ilha Terceira. A Providência colocou na estrada do menino João Batista, Dom Alexandre da Sagrada Família, bispo resignatário de Malaca e seu tio paterno. O respeitável prelado conheceu no sobrinho a afeição natural aos estudos clássicos das línguas grega e latina e respectivas literaturas.

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Ao mesmo tempo foi-lhe amadurecendo uma equívoca vocação ao sacerdócio, recebendo, adolescente ainda, as ordens menores. Em 1816, aos 17 anos decidiu ir a Coimbra e matricular-se no Curso Jurídico. Após um ano de estudo de Direito, passou aos estudos do curso matemático e filosófico. Dessa forma aumentava-lhe a formação cultural, regressando depois à Faculdade de Direito, onde obteve o diploma de bacharel. Revelou-se desde cedo o talento poético compondo e publicando uma elegia por ocasião do falecimento do catedrático Dr. Fortuna.

A cultura ia-se sedimentando pelos estudos, pelas aulas na Universidade, pelas intensas e vastas leituras das obras antigas e modernas da modelar Biblioteca. Recebera a herança preciosa dos vates da Arcádia com os dois expoentes: Filinto Elísio e Bocage que o tio lhe dera a conhecer e a praticar desde os primeiros alvares da adolescência. Em 1820 concluiu com brilhantismo o Curso de Direito, ingressando a seguir como oficial na Secretaria dos Negócios do Reino e logo após chefe da repartição de Instrução Pública.

No mesmo ano, Portugal vibrou com a Revolução. Garrett aproveita o momento para elaborar e publicar a tragédia *Catão*, onde glosou o tema "Liberdade ou morte."

Em 1821, publicou *O retrato de Vênus*, história da pintura, em versos. José Agostinho de Macedo denunciou-o como ímpio e escandaloso. Levado ao Tribunal, Garrett soube defender-se e defender a sua criatura com brilho e exaltação.

Em julho de 1823, o golpe de Estado, denominado Vila-Francada, aboliu a Constituição de 1822, embarcou para a Inglaterra com a jovem esposa Luísa Midosi, recebeu acolhida na intimidade de uma família burguesa. Desse exílio, Garrett tirou o máximo proveito no estudo e apreensão da cultura inglesa e a vivência do movimento romântico, que florescia nas terras de Albion. Saiu da Inglaterra para refugiar-se no Havre, França, onde exerceu as funções de correspondente comercial numa filial da Casa Lafitte. Naquele exílio encontrou tempo para escrever *Camões*, 1825 e *a D. Branca*, 1826.

Em 1826, após a morte de Dom João VI e da outorga da Carta Constitucional por Dom Pedro IV, retornou a Portugal; participou intensamente na efervescência política compondo para as eleições a *Carta de guia para eleitores*, fundando, em colaboração o jornal *O Português*, e sozinho *O Cronista*, (1826).

Em junho, 1825, Garrett, saiu de novo para a Inglaterra.

Envolvido na política, reservava sempre o tempo para a leitura e para a produção literária.

Em 1829, ao chegar à Inglaterra, a jovem rainha Dona Maria, escreveu *Da Educação*, (1829, 1º volume). Interessava-se pelo cancionista popular e publicava a *Aduzinda* (1826), nele inspirado.

Incorporou-se na expedição de Dom Pedro, intervalando o serviço militar com o de gabinete; trabalhou sob as ordens de Mouzinho da Silveira na redação de decretos revolucionários. Durante o cerco do Porto, encontrou tempo para iniciar a escrita de *O Arco de Sant'Ana*. Sob o novo governo voltou à diplomacia como Cônsul-Geral em Bruxelas. Esta quarta saída de Portugal oportunizou-lhe o estudo e a prática na língua e literatura alemãs.

Passos Manuel, líder do movimento renovador, concebeu largas reformas culturais, chamou Garrett para executá-las. A proposta continha três pontos importantes: (1) construção de um edifício para o teatro (o atual teatro de Dona Maria II (em Lisboa); (2) planejamento e execução de uma escola para formar artistas e o Conservatório; (3) constituição de um repertório dramático português.

Esses trabalhos, o moveram a reatar, em moldes românticos, a produção teatral, interrompida desde o *Catão*; escreveu o *Auto de Gil Vicente*, em 1838; *Dona Filipa de Vilhena*, em 1840; *O Alfageme de Santarém*, em 1842.

Homem de atividades múltiplas, sociais, políticas, partidárias, administrativas e literárias, soube sempre alimentar a cultura pessoal.

Ao lado de tudo isso, acontecia o malogro do casamento com a jovem Luísa Midosi; em 1837, entrou em sua vida Adelaide Pastor, que morreu aos 20 anos, deixando-lhe uma filha. Em 1844 travou conhecimento com a inspiradora das *Folhas caídas*, a mulher do Visconde da Luz, Rosa Montufar Barreiros.

A produção literária refloresce rapidamente com *Frei Luís de Sousa*, 1844; *As flores sem fruto*, 1845; *As viagens na minha terra*, 1846.

Pelos méritos de sua vida cultural e seus serviços prestados ao país é nomeado Visconde, par do Reino em 1851. Aceitou em 1852 o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros.

Por seu título Nobiliárquico foi alvo de acirradas críticas e oposições. No prefácio ao 2º volume dos *Versos* procurou defender-se alegando que nunca professara "as hipócritas doutrinas do nivelamento social."

Em 1853, incompatibilizou-se com o governo, voltou à solidão das letras, mergulhando num romance *Helena*, deixado incompleto. Morreu solitário, a 9/12/1854, na casa que mobilara com mil cuidados de artista.

Em *História da Literatura Portuguesa*, António José Saraiva e Oscar Lopes apresentam a figura culta de Garrett:

“A personalidade de Almeida Garrett, que seria injusto sublinhar nos aspectos de dandy vaidoso e volúvel, não reúne todo o seu interesse nas suas criações literárias, mesmo incluindo nelas o orador parlamentar, o teorizador de uma democratização cultural, o ensaísta da história da arte e da literatura nacional. Como agente relevante da revolução liberal, particularmente das reformas de Mouzinho e da breve governação setembrista, que tão grande papel desempenhou na instrução pública e nos primeiros ensaios do capitalismo industrial, Garrett apresenta importantes facetas pessoais de pedagogo, político, jornalista e tribuno político, legislador, jurista e fundador de instituições culturais.”

João Gaspar Simões descreve a cultura de Garrett:

“A sua formação mental reveste-se desde as primeiras letras: da língua latina que aprende na aula régia, da língua francesa, em que se exercita no regaço da mãe, da língua espanhola castiçamente falada pelo pai, e depois a língua grega, língua inglesa, língua italiana e finalmente a língua alemã – era a formação humanista” (Simões, p. 10).

Nestas linhas tem-se um pequeno quadro de João Batista Leitão Almeida Garrett, homem de cultura profunda e vasta que soube fazer admirável síntese da tradição cultural greco-latina, com a Idade Média, com o enciclopedismo para apresentar as múltiplas facetas do movimento romântico que modificou o mundo das artes, das ciências, da filosofia e da religião – gerando nova cultura.

## 2 *Garret – renovador da Cultura*

O trabalho fulgurante de João Batista Leitão Almeida Garrett repercutiu fortemente na juventude universitária e literária da época. O ardor revolucionário, a busca de renovações sociais e políticas, a atração, pelo novo movimento literário fizeram numerosos seguidores.

Conscientemente em a ode *À Pátria*, da *Lírica* de João Mínimo é declarado o *Alceu da Revolução de Vinte* (Monteiro, 165). Ainda nos bancos académicos, criou e representou *Xerxes*, aplaudida por toda a Universidade.

Em 1820, na Sala dos Capelos, com paladino ardor recitou entusiasta poema “Ao corpo académico”, do qual destacam-se os versos:

“Sejamos sempre heróis e sempre livres;  
Sejamos, como sempre Portugueses;  
Vivamos livres, ou morramos homens.”

Concluiu num frêmito de exaltação:

“Mas tenho um coração que é lusitano;  
Mas tenho um coração que é livre, é de homem.” (ibidem, p. 191)

Vai pregando o humanismo naturista, fruto dos conceitos newtonianos de sua ideologia:

“O que é o mundo físico é o mundo moral: as leis materiais das atrações, das afinidades, da gravitação e do movimento correspondem exatamente às morais do interesse, da utilidade e da necessidade. O homem físico e o homem moral são o mesmo homem, e tanto pesa o seu entendimento para o centro de seus interesses, quanto pesa o seu corpo para o do planeta que ele habita. Assim é o indivíduo homem e assim é o coletivo sociedade” (Monteiro, p. 226-227).

Em seu *Retrato de Vênus* procura explicitar a teoria da *mimese* da natureza, Vênus, seria símbolo.

Em sua defesa houve declarações de liberdade individual, base do movimento romântico, caminho aberto para tantos outros. Eis alguma expressões que explicitam a afirmação:

“A natureza me deu a propriedade do meu coração e do meu pensar; e as sagradas bases duma constituição legítima me confirmaram aquele inauferível direito. Não faço aqui minha profissão de fé... porque não quero” (Monteiro, p. 234-235).

O *Retrato de Vênus* como livro e como afirmação de personalidade e de liberdade de atitudes serviu como modelo a ser seguido pela geração de Garrett e pelas gerações subsequentes.

O jovem escritor João Batista tomou as lições de Chateaubriand. Haja vista como o fragmento dramático. *Atala*, as cenas garrettianas são freqüentemente meras traduções do mestre francês. A grande especialista de Garrett, Doutora Ofélia Milheiro Caldas Paiva Monteiro assim concluiu o capítulo do “Santo furor” de um humanismo naturista:

“A experiência da liberdade e o seu caminhar difícil na sociedade portuguesa devem assim ter representado no humanismo do jovem Garrett um marco capital. Na sua confiança entusiasta julgara fácil mudar estruturas e mentalidades sedimentadas ao longo dos séculos, crera na bondade desse Homem natural que a liberdade acordara no Homem histórico [...]” (p. 302).

João Gaspar Simões escreve:

"Garrett sente-se na obrigação de fazer para Portugal o que os demais românticos levavam a cabo nos seus países. Quem conservava as veras tradições poéticas portuguesas era a memória milenar de povo" (Simões, p. 64).

Latino Coelho, na carta-prefácio, pondera:

"Todos os grandes românticos compartilharam da mesma psique teatral, e todos eles, de Chateaubriand a Lamartine, e de Byron a Victor Hugo, avançaram sobre o proscênio para receberem as aclamações da turba" (p. 15).

Soube desbravar sem ter modelo anterior a arte teatral, não lhe faltava talento ou imaginação, precisou buscar o método certo e seguro. Assim surgiu a obra admirável o *Catão*. Compôs a tragédia para satisfazer às instâncias de uma sociedade de pessoas instruídas e notáveis pela sua posição e pelos seus talentos-drama grandioso pelo conteúdo de idéias republicanas.

John Addison, escritor inglês apreciava a obra de Garrett: "O seu *Catão* é o maior personagem, e a sua tragédia a mais bela de quantas jamais se deram em nenhum teatro do mundo" (Latino Coelho, p. 200). Inovador por excelência, "por temperamento e feito mental era, de fato, um homem de palco. A teatralidade estava-lhe no sangue. E é esta outra das contradições de seu destino e do destino da maior parte dos românticos" (Latino Coelho, p. 85).

Crabbé Rocha considera na história do teatro nacional e, relativamente à época romântica, equivalente ao prólogo de Victor Hugo ao falhado Crowell, tal foi o *Auto de Gil Vicente*, de Garrett.

Renovou o teatro tanto nos gêneros como nos temas, buscados nas lendas e histórias da Idade Média.

O movimento arcádico deixara vários gêneros literários, em especial o teatro sem maiores representações.

Filinto Elísio e Bocage continuadores da Arcádia, revolucionada pelas idéias do século em que viviam, deixaram valiosos monumentos nas letras, sem vivificar ao menos o teatro nacional que continuou com eles e depois deles a mesma vida valetudinária e artificial no dizer de Latino Coelho. Francisco Manuel era mais erudito que poeta. Faltava-lhe aquela mais preciosa e mais rara porção da fantasia que engendra esboços dos mais grandiosos quadros literários.

Muito diferente foi Garrett destinado a regenerar as letras pátrias, os seus projetos deveriam ser gigantes desde o alvorecer de sua imaginação.

A obra *Frei Luís de Souza*, composta em 1844 constituiu-se a verdadeira coroa dramática. Outra inovação de Garrett, após ter trabalhado e produzido *Adozinda*, foi o *Romanceiro e Cancioneiro geral*, em 1943. Exercitou a sátira discreta e o purismo lingüístico no romance *O Arco de Sant'Ana*. Na mesma década escreveu e publicou o belíssimo livro *Viagens na minha terra*, talvez seja a mais pensada e mais rigorosamente escrita de suas obras.

Latino Coelho referindo-se a esse período escreve:

"O teatro do poeta enobreceu-se com nova composição, a *Sobrinha do Marquês*, em que a formosura do diálogo se alia à justa apreciação de um grande vulto histórico, o de Pombal. A voz do poeta solta-se, pela última vez, nas *Folhas caídas*, mimosa coleção de poesias líricas, de saudosa amenidade e de sabor original inimitável" (Latino Coelho, p. 220-221).

Garrett inovou na prática do movimento romântico, nos poemas líricos, nos aspectos folclóricos e populares elevados aos cimos da arte, os vários e fecundos gêneros do teatro, em especial, os dramas e as sátiras. É o renovador da cultura do século XIX, projetando-se no século XX.

### 3 *Garret – irradiador de cultura*

Irradiador de cultura pelas novas gerações em Portugal, no Brasil e noutros países lusófonos.

A densidade cultural, da imensa obra de Garrett devia irradiar-se no seu tempo, apesar das oposições de invejosos e detratores.

Garrett recebera as influências dos românticos ingleses, alemães e franceses, trabalhou-as com mãos e espírito de artista inovador.

Haja vista, o que o escritor declara:

"O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em versos e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas. O tom e o espírito verdadeiro português, esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vícios e os seus erros" (Saraiva e Lopes, p. 698).

Quantos escritores após ele tomaram o caminho dos alfarrábios pré-históricos para se abeberarem e darem vida aos romances, dramas e poemas.

Alexandre Herculano (28/03/1810-13/09/1877) andou por veredas próprias, embora sofresse influência de Garrett, *A harpa do crente* tem o lirismo maravilhoso, publicado em 1838. Livro romântico, sentimentalmente, repleto de religiosidade popular bem ao gosto da época. Herculano notabilizou-se no romance histórico nas veredas de Walter Scott, Garrett fizera algo de semelhante nos poemas de *Camões*, *Dona Branca* e outros. Notáveis foram *Monge de Sister*, *Eurico o Presbítero*, buscados nas lendas e histórias da Idade Média dos conventos e das aventuras guerreiras contra o invasor. Tanto Garrett quanto Herculano têm a força do romantismo na exaltação e valorização do seu país, do Portugal que emergia para o século da ciência.

Garrett teve momentos importantes em sua afirmação política e social, Herculano teve as famosas polêmicas com a Igreja Católica, em nome de suas idéias altamente liberais.

Antonio Feliciano de Castilho (21/11/1800-18/06/1875), assimila a métrica, o estilo de *Camões* e *D. Branca*, e ensaia as primeiras composições poéticas, sob os títulos *A noite do castelo* e *Ciúmes do bardo*, publicadas em 1836. Publicou, outrossim, os solaus, em 1839.

Outros poetas, dramaturgos e escritores românticos tiveram obras de somenos importância.

A irradiação cultural de Garrett projeta-se para dentro do realismo e do naturalismo. As figuras importantes do romance têm a marca de *Viagens na minha terra* ou do *Arco de Sant'Ana*. Júlio Dinis surge em 1866 com *As pupilas do Senhor Reitor*, no Jornal do Porto, seguindo-se outros romances com o sabor da *Morgadinha dos canaviais*. A obra de Camilo Castelo Branco colheu as influências de Garrett, em grande número dos 263 romances ou novelas que escreveu.

Eça de Queiroz o grande romancista e escritor não se esquivou das avançadas e brilhantes iniciativas de Garrett no campo da ficção realista quer no *Primo Basílio*, quer no *Crime do Padre Amaro*, especialmente em *A cidade e as serras*.

A tese das influências ou da irradiação das idéias, dos moldes ficcionais, das temáticas de Almeida Garrett é imensa e vasta, merece profundas e importantes investigações literárias. O tema é inesgotável, impossível de avaliá-lo em suas dimensões na produção literária dos romancistas brasileiros no século XIX partindo dos *Suspiros poéticos e saudades* até as cogitações e vivências de *Dom Casmurro*.

Nos 200 anos de João Batista Leitão Almeida Garrett celebramos uma pessoa culta, renovadora da cultura e irradiadora da verdadeira Cultura.

## Referências bibliográficas

- COELHO, J. A. Latino. *Garrett e Castilho*. Porto: Santos e Vieira, 1917.  
SARAIVA, A. J., LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 5. ed. Porto: Porto Editora, s.d.  
SIMÕES, João Gaspar. *Almeida Garrett*. Lisboa: Presença, 1964.  
MONTEIRO, Ofélia Milheiro Caldas Paiva. *A formação de Almeida Garrett*. Coimbra: 1971. 2 v.